

A Exposição “Tesouros Bibliográficos” da Universidade do Porto

TEXTO: Isabel Pereira Leite

FOTOGRAFIA: Rui Mendonça

Isabel Pereira Leite

Comissária da Exposição
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
CITCEM

“Citar é injusto. Enumerar é esquecer. Não quero esquecer ninguém de quem me não lembre. Confio ao silêncio a injustiça. A ânsia de ser completo leva ao desespero de o não poder ser. Não citarei ninguém. Julgue-se citado quem se julgue com direito a sê-lo. Ressalvo assim todos.”

Fernando Pessoa (*Revista Portuguesa*, nº 23/24. Lisboa, 13/10/1923)

O quadro conceptual em que assenta esta Exposição poderá definir-se em duas linhas de força: uma primeira, nascida da necessidade de apresentar cronologicamente a evolução do Conhecimento Científico, das Artes e das Letras, entre finais do séc. XV e o ano de 2011, atravessando sete séculos em apontamentos necessariamente breves (apenas 250 obras); e uma segunda, que pretende levar o visitante a descobrir quão importante o homem-leitor é na interpretação, na divulgação, na interação com cada autor.

Na realidade, todos nós participamos no processo criativo, sendo parte essencialíssima na transmissão do Pensamento. Tudo nasce da meditação sobre a Vida. Assim sendo, sempre será impossível ignorar o mundo dos Livros. A Filosofia, a Ciência, a História, a Literatura que neles estão contidas transformaram-nos numa espécie de Humanidade Impressa.

Esta é, pois, uma Exposição para a Cidade. A Universidade oferece, a quem por aqui passa, mais de duas centenas de obras escolhidas de entre as que se juntam, em mais de um milhão, nas suas Bibliotecas. Valerá, a propósito, lembrar Cícero que entendia que quem tinha um jardim e uma biblioteca tinha tudo aquilo de que precisava.

Por quê estas e não outras, porventura mais relevantes, quiçá mais interessantes? Não é fácil estabelecer um critério único. Nem tão pouco seguir um

rumo traçado sem cair na impertinência de acabar por negar a própria essência do Livro. O Livro é aventura – é-o, inequivocamente e em primeiro lugar, por estar de forma íntima associado ao(s) seu(s) autor(es) e lhe(s) permitir revelar ao Mundo a essência do seu Pensamento ou, pelo menos, parte dela, sempre única, já que não há dois homens iguais.

É nesta medida que cada Livro é como que uma extensão da Vida de quem o escreveu, sendo certo que, por isso mesmo, cumpre uma missão única, já que ninguém escreve para ser esquecido. Assim sendo, os livros precisam de leitores que os mantenham vivos. De quem os olhe, como nesta sala todos são convidados a olhá-los, olhos nos olhos. Precisam de olhares sempre renovados, como acontece entre aqueles que, em múltiplas e incontáveis circunstâncias, são apresentados. Precisam do diálogo, das conversas. Precisam de vozes que interroguem, contraponham, argumentem, discutam acerrimamente com eles, os encostem à parede, assim como aqui estão, e lhes perguntem: “Então? Como é? Que contradições são estas? Que efabulações? Que rasgos de ousadia e que lucubrações? Que divagações absurdas? Que encantamentos e que fixações? Que geniais congeminações? Que pensamentos arrojados? Que parágrafos arrebatadores? Que comoção e que emoção? Ah! Por que razão falam todos ao mesmo tempo e não param de discutir?”

Nada há de mais significativo do que o Saber, essa eterna construção humana que se vai desenvolvendo enquanto se olha o firmamento, sem vislumbres de cansaço, noites a fio; enquanto se imagina o inimaginável, quantas vezes antecipando o futuro; enquanto se vive fechado entre quatro paredes, febrilmente resolvendo equações; enquanto mil e uma fórmulas vão sendo ensaiadas por eternos alquimistas; enquanto se tenta perceber quem somos, o que queremos, para onde vamos, através de alteridades mais ou menos simbólicas, criadas ao sabor da escrita. Que bem o disse Shakespeare: “Sabemos o que somos, mas não sabemos o que podemos ser” (*Hamlet*, 1599-1601)

Quanta Filosofia, na génese do Saber; quanta inquietação persistente; quantos versos; quantos destinos; quanta aventura... Quantos séculos de luta e de desdita e quantos de glória e de aclamação... Assim, de forma subjetivamente assumida, se

juntam neste espaço vislumbres do Saber Universal do qual somos, hoje, fiéis depositários, herdeiros legítimos e reconhecidos.

Não será necessário um grande esforço para ouvir todas estas vozes que, em diferentes línguas, provindas de distintas épocas, falam em silêncio, aqui e agora, connosco. Ouçamo-las, pois! E cumpramos o nosso papel, prestando-lhes atenção. Tesouros serão, ou talvez não, porém, seguramente, hão de representar, no seu conjunto, um tempo esculpido, um tempo registado, um tempo eterno – a Posteridade, que a cada passo engloba o que já aconteceu.

Frente a frente connosco, estas são algumas das tantas, tantas obras que a Universidade do Porto tem sabido preservar porque, acima de tudo, sabe bem onde se encontra a raiz do Pensamento. O rosto e a alma do mundo aqui estão. Afinal, em boa verdade, um mundo sem livros seria um mundo condenado a eternamente começar do nada. O nada não existe! O tudo também não! Esta é a prova disto.

Ninguém por cá permanece *ad aeternum*, mas os livros sim. Permanecem como testemunho da nossa passagem por este mundo. São os Guardiães da Memória. O Saber, tal como a Vida, é ilimitado para quem não tem receio de o abraçar. Nesse abraço cabem todas as gerações, todos os tesouros, todos os registos.

“A ciência apenas pode provar o que é, mas não o que deveria ser, pelo que à parte isto, todos os juízos de valor, quaisquer que sejam, continuarão a ser necessários [...]”, escrevia, em 1950, Albert Einstein (*Meus Últimos Anos*). Por isso, a Casa onde se investiga e ensina há cem anos, a Universidade do Porto, sempre foi, é e continuará a ser uma Casa de e para os livros; uma Casa que todos os dias se renova porque sabe que cada obra que guarda se pode desdobrar em múltiplos sentidos. E tantos são os caminhos...

Entre o singular ato da Escrita, científica ou literária, e a obra aberta ao Mundo, está a edição, portanto o Livro. A Universidade do Porto situa-se nestes três domínios: escreve, lê e edita. Curiosamente, nenhuma das obras aqui presentes corresponde inteiramente a esta tríade. Há uma razão de incomensurável importância: a

Universidade do Porto sempre preservou, cuidou, guardou, investiu na exaltação desse Património da Humanidade que é o Saber que a Memória vai consignando, século após século, em verdadeiros Tesouros Bibliográficos.